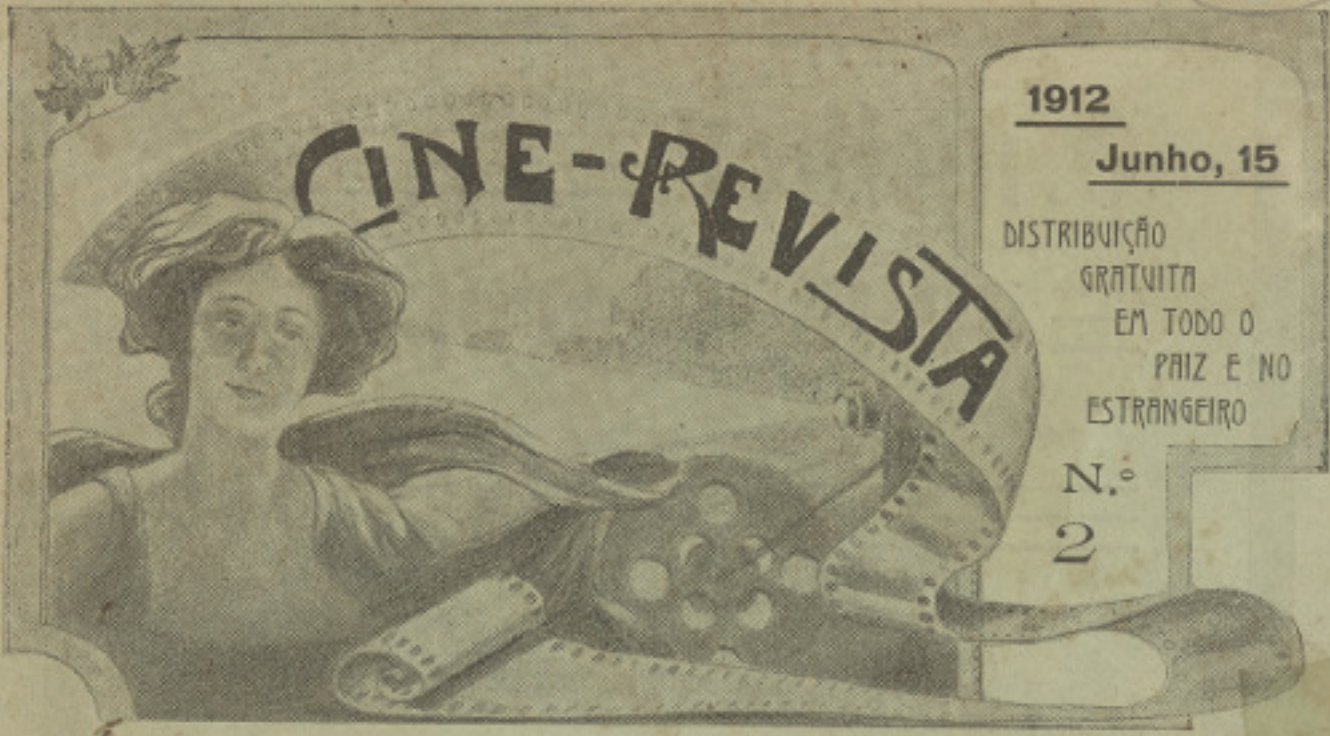


57



1912

Junho, 15

DISTRIBUIÇÃO
 GRATUITA
 EM TODO O
 PAIZ E NO
 ESTRANGEIRO

N.º

2

Toda a gente deve visitar o

Jardim Passos Manoel

PORTO

O mais aprazível estabelecimento de diversões de Portugal

Magnificas installações electricas

SALÃO DE CONCERTOS

SALÃO - THEATRO

LUXUOSO "HALL"

CHAUFFAGE A VAPOR, nos salões

BUFFETS

Jogos e diversões varias no **Jardim**

Aluguer de fitas cinematographicas

VENDA DE APPARELHOS

O melhor
animatographo
de LISBOA

Sempre Novidades

Salão Central

Sessões elegantes á terça-feira

Sessões da moda á quinta-feira

Aos domingos

Grandiosas
Matinéas - Concerto

MAGNIFICOS CONCERTOS PELO SEXTETO DO SALÃO



Cine-Revista

Quinzenario da Empresa Artistica Limitada

DIRECTOR
LOPES TEIXEIRA

PROPRIEDADE da
Empresa Artistica Limitada

EDITOR
A. DE MATTOS

Comp. e impr.—Empresa Gráfica "A UNIVERSAL"—R. Duque de Loulé, 111—Porto

Na primeira etapa

SE, ao lançarmos a **Cine-Revista**, não estiveramos convencidos de que se tornava indispensavel a existencia de uma gazeta que, no nosso meio, versasse os assuntos da especialidade, agora, em face do exito obtido pelo nosso modesto empreendimento, só temos de ratificar que, ao menos n'este ponto restricto, vimos justa e perfeitamente certo.

Com effeito, e de banda intuitos de auto-louvor que não estão no nosso animo nem na nossa indole, esse exito foi ainda alem do que por ventura calcularamos, visto como, logo ás primeiras centenas de exemplares que fizemos distribuir no Jardim Passos Manoel, entraram de afluir os pedidos, e os milhares que destinámos a esta cidade foram rapidamente exgotados.

Mas, ao que somos informados pelos consocios da Empresa proprietaria e pelos seus clientes da provincia, exito não inferior obteve, quer em Lisboa quer nos varios pontos do paiz onde os *films* da Empresa Artistica

Limitada são exhibidos, o primeiro numero d'esta modestissima publicação — menos certamente pelos nenhuns meritos de quem o, realisou, do que pelo interesse, sempre e sempre crescente, absorvente, irresistivel, que a Cinematografia vem despertando em Portugal.

Digamos, de passagem, que de modo algum deve admirar esse sentimento de interesse, visto como o nosso paiz está integrado na corrente da Civilização, o povo portuguez é dos mais intelligentes e prontos na comprehensão das coisas, e a Cinematografia triunfa definitivamente em todo o mundo — não podendo, pois, deixar de triunfar entre nós.

Mas não é do triunfo cinematografico que n'este ensejo se trata: é do da **Cine-Revista** que, na sua modesta apparição, teve uma acolhida magnifica, esparzindo rapidamente por todo o paiz, que os recebeu, procurou e arrecadou com o mais desenganado e vivo agrado, os 7.500 exemplares da sua primeira tiragem.

O exito avigora a nossa fé. Proseguiremos. E procuraremos dia a dia melhorar-nos. Assim, a nosso entender,



corresponderemos o melhor possível ao favor com que somos tratados.

A **Cine-Revista** agradece, reconhecida, as boas palavras com que a imprensa diaria a acolheu, e aqui fixa a expressão do seu reconhecimento.

A REDACÇÃO.

Uma Demonstração Interessante

Para o bom nome do Cinematografo

O nosso collega inglez *The Bioscope* assumiu a iniciativa de uma demonstração muito interessante, no sentido de exaltar o prestigio do Cinematografo aos olhos da massa intellectual e de confundir um pouquinho os seus detractores.

The Bioscope organisou uma serie de *matinées*, durante as quaes seriam exclusivamente projectados films instructivos e scientificos.

No ponto de vista escolar, todos os dominios sobre que a acção cinematografica até agora se tem estendido seriam avocados no *écran*.

O só annuncio d'estas secções, destinadas a demonstrar de empolgante modo a omnipotencia vulgarisadora do film, suscitou o mais vivo interesse, não só nos meios cinematograficos, mas ainda no mundo medico, scientifico e pedagogico.

As *matinées* do nosso collega inglez começaram em 5 do corrente, e devem ter continuado em 12 e em 15, das 11 ás 13 horas.

E' incontestavel que esta demonstração pratica será de uma grande utilida-

de e exercerá salutar influencia sob a propagação dos metodos de ensino pelo Cinematografo.

Entre os interessados, ha um grande numero que não o era ainda avaliar *de visu* o valor exacto e real das theorias professadas pelos protagonistas do ensino cinematografico.

Com o fornecer-lhes uma occasião de julgarem e apreciarem de modo pratico a poderosa alavanca educadora que é o Cinematografo, o nosso collega realisa uma obra util, pela qual não podem regatear-se-lhe os mais francos louvores.

A proposito, será interessante notar que o Cinematografo acaba de ser instalado *no domicilio*, para funcionar regularmente no Instituto Higienico, ha pouco inaugurado em Londres pelo sr. William Bennet, que pronunciou um caloroso elogio do moderno factor —o mais realista e impressionante— de transmissão aos estudiosos dos conhecimentos indispensaveis para o estabelecimento de uma boa hygiene.

O snr. William Bennet declarou que o poder instructivo do Cinematografo devia ser em qualquer modo considerado como sem limites.

E o snr. William Bennet não é positivamente um anonimo — com perdão dos varios estimaveis cinefobos.

DR. R.

Os films Gaumont

Mais um triunfo:—«O principe louco»

(Pellicula dramatica em 3 actos e 1.200 metros.)

No passado numero da «Cine-Revista» registramos o apparecimento de um dos mais formosos *films* que a Cinematografia haverá produ-

VISITEM O Jardim Passos Manoel

zido e que outorgou, sem contestação seria, á Casa Gaumont o *récord* da perfeição, no genero. Tratava-se do drama «Luz e Amor» esplendido e justo successo onde quer que tem sido exhibido.

Não adormeceu a famosa empresa cinematografica sobre os louros colhidos. Antes, estimulada pelo proprio exito, novos e bellos materiaes accumulou, para projectar nos mais acreditados *écrans* do mundo a prova provada de que infatigavelmente, continuamente, permanentemente progride, augmenta, triunfa.

Ahi temos já um novo film, não menos rico, não menos bello, não menos completo sob todos os aspectos: — «O principe louco». Romance de amor, jogando sobre sentimentos bem humanos, encontrou ainda, da parte da Casa Gaumont, uma encenação perfeita, completa, inultrapassavel.

Sobre triunfo — triunfo.

De que se trata? O principe-herdeiro Clotario Czerni, expulso com sua mãe, a rainha Alexandra, do trono da Besarabia, vive em Paris n'um palacio opulento em que os fieis que o acompanharam lhe constituem côrte, reduzida mas respeitosa e devotada.

Sua mãe, o seu preceptor general Tinistriky sonham repô-lo no trono, que a sua raça boiarda de conquistadores insaciaveis, de tiranos crueis, occupara durante largos seculos. N'esse crer e n'esse querer era o principe impellido tambem, por indole e por educação. Somente, em sua alma juvenil haviam-se infiltrado ideias novas. E o amor ajudando, o principe trocava de boa vontade a aspiração

ao seu trono... em hipotese, pelo amor, perfumado de candido e honesto lirismo, da juvenil e applaudida comediante Gabriela de Lys.

Mas um dia, a rainha-mãe descobre, mercê da indiscrição maldosa de um jornal satirico, os amores, tão deseguaes, do principe seu filho. Chama-o. Ameaça. Supplica. O general lê uma mensagem dos seus partidarios, que se dizem prontos a morrer para lhe reconquistarem o trono. A razão do Estado prevalece. N'uma carta cheia de paixão, elle pede á linda actriz uma separação temporaria: — «Logo que disponha de sua vontade, será d'ella só...»

E a pobre Gabriela de Lys, que recusara uma escriptura magnifica para a America, recebe a carta do amante, tem um frôxo de pranto e... firma a escriptura.

Eis que os jornaes noticiam, em telegrama de Lisboa, que o «Aquitania», conduzindo a companhia de que fazia parte a lindissima rapariga, se afundara, corpos e bens, nas aguas da Madeira. A' vista do horrivel despacho, a razão do principe estremece, vacila, sucumbe. N'um impeto de loucura, elle increpa o general, increpa a rainha-mãe. Por fim, cae sem sentidos.

A junta medica declara que o principe marcha para a loucura e prescreve o isolamento, o socego absoluto. E é n'um castello sobre rochedos, junto do mar sempre clamoroso e embravecido de Biarritz, que a rainha-mãe, com o general e alguns creados seguros, se encerra, na companhia do pobre louco.

Uma loucura mansa, doce, de reminiscencias pungentes, essa! N'um aposento do rez-do-chão, olhando o vasto mar soluçante, faz o principe armar uma camara ardente. E n'um orgão fronteiro ao catafalco, em que diariamente depõe frescas flores, elle vae recordar, entre lagrimas, o trecho favorito da sua Gabriela morta.

Morta? Não. A actriz, e poucos mais passageiros, conseguira salvar-se num bote: andaram largos dias a penar e foram afinal recolhidos por pescadores. Mal recuperada a saúde, ella lança-se á procura do seu príncipe, que uma nota officiosa de alguns jornaes dá como partido para uma longa viagem de circumnavegação, mas que, na opinião de outros quotidianos, vive louco e sequestrado, n'um velho castello da beira-mar.

Recorre a um detective particular — Sylock Holme. E este habilissimo e audaciosissimo agente, ao cabo das mais emocionantes diligencias, consegue pôr os amantes em presença um do outro. Fim final: — O amor vence a razão do Estado. O príncipe abdica, desposa a sua Gabriela de Lis e a rainha-mãe, pondo de parte as ambições da sua raça, abençoa — emfim! — os seus dois filhos.

Que dizer do modo como a Casa Gaumont encenou este novo film? Que dizer da maneira como os artistas que se encarregaram de o representar se desempenharam da difficilissima tarefa? Francamente, não achamos facil a missão, visto como, por mais que pretendamos apurar minudencias de critica, nada encontramos que fixar.

A verdade, a inteira verdade é que, tanto na encenação como na apresentação, se empregou o mais cuidadoso escrupulo, a sciencia mais perfeita e meticolosa d'esta bellissima arte cinematografica que dia a dia nos surpreende com maravilhas novas!

INFORMADOR.

Echos de toda a parte

NO PAIZ DOS MORMONS

Mais um triumpho do Cinema. Como se sabe geralmente, os Mormons têm muitas mulheres — e parece que não se dão mal com o sis-

tema. Entretanto, não podendo distraí-las todas ao mesmo tempo sem despertar ciúmeiras, esses cavalheiros da Salt Lake City, no Estado de Utah, resolveram o problema levando-as ao Cinematografo.

Comprehende-se: — indispensavel se tornava a existencia de uma sala vastissima, em que tantissimas damas podessem caber — confortavelmente. E para isso se inaugurou, em 16 de abril ultimo, na Salt Lake City, o *Rex Theater*, que póde passar por modelo no genero e se qualifica o mais bello dos Estados Unidos.

A fachada do estabelecimento mede 235 pés. A entrada, em purissimo estilo grego, com portas em bronze macisso de 30 sobre 30 pés, é de imponente aspecto.

A sala mede 50 pés de largo por 165 pés de comprimento — o pé calcula-se em 33 centímetros — e póde conter 1:500 espectadores sentados.

A iluminação é fornecida por mais de 1:500 lampadas electricas, com outra sobecellente de não menor importancia.

Os logares estão dispostos em anfiteatro. Installou-se um salão especial para as damas, que ali vão descançar, compor as toilettes, falciar — servidas por camareiras bem estilizadas.

Ha tambem uma *nursery* — quer dizer: uma creche para bebês, que são o objecto das mais delicadas atencões de amas diplomadas.

Nada falta: — lá funciona ainda um telefone, á disposição dos frequentadores, e a orquesta é substituida por um orgão que custou quarenta contos de reis.

... Não têm de que queixar-se, essas damas da cidade do Lago Salgado!

O TRIUNFO

Na Austria a cinefobia anda desentreada, o que não impede — pelo contrario! — que dia a dia augmente o numero dos cinefilos. Vejam os snrs: — Só em Vienna, dentro da cidade, póde calcular-se um minimo de 200:000 sessões cinematograficas por anno, reunindo mais de dois milhões de espectadores.

Questão de querer tapar a luz do sol com um peneiro... roto.

FALAM OS ALGARISMOS

M. G. Dureau fixara, na revista parisiense de que é director, em 220 o numero global aproximativo dos Cinemas de Paris e dos arredores.

Logo, um cinefobo protestou, por signal em termos assás grosseiros — para francezes.

E vai M. Dureau e ferra nas ventas do seu contradictor com a seguinte nota official, fornecida pela policia de Paris:

Jardim Passos Manoel



PORTO — Rua de Passos Manoel — (PORTUGAL)

Salão-theatro para exhibições cinematographicas e VARIEDADES.

Amplo e luxuoso "hall," para concertos, banquetes, exposições, etc.

Vasto e aprazível jardim esplendidamente arborizado, profusamente iluminado a luz electrica e com um ele-

gante palco-coreto para variedades e concertos.

Primoroso serviço de buffet no hall e no jardim

EM CONSTRUÇÃO. — Um amplo salão para conferencias, concertos, bailes, patinagem, etc.

Jardim Passos Manoel

O mais luxuoso centro
de diversões

«O numero exacto dos Cinematografos é bastante difficil de avaliar, pois que o encerramento de uns corresponde á abertura de outros. Entretanto, o inverno de 1911-1912 foi-lhes particularmente favoravel. N'este momento (Janeiro) funcionam, só na capital, de 180 a 190 d'esses espectaculos, espalhados entre os 15.^o, 17.^o, 19.^o e 20.^o *arrondissements* e os *Grands Boulevards*».

Juntem-se a este numero os dos Cinemas que funcionam nos *arredores* de Paris, e ver-se-á de que lado está a verdade e se, mais uma vez, a cinefobia não foi levada de escantilhão.

NA POLITICA

Agora, mais do que nunca, está o Cinema nas boas graças dos candidatos ás proximas eleições legislativas dos Estados Unidos.

Note-se, por exemplo, que Mr. Samuel Altshuler, de Aurora, no Estado do Illinois, teve uma ideia original: — contou exclusivamente com o *film* para dirigir e realisar a sua campanha.

Mãos á obra. Organizou uma reunião *typo*, n'uma decoração absolutamente completa, em que não faltava coisa alguma: e fel-a cinematografar. Depois, fez registrar o seu discurso por um fonografo. E assim conseguiu expôr todo o seu programma, sem estar presente, em mais de duzentos Cinemas ao mesmo tempo, a uma multidão de eleitores que nem sequer tiveram o recurso de poder fazer-lhe perguntas embaraçosas.

Vê-se, no *écran*, Mr. Altshuler pronunciar o seu *speech*, e retirar-se, depois de cordealmente apertar a mão aos membros do seu comité politico. Ouviu-se-lhe a voz, ficaram conhecidos os seus argumentos, mas os adversarios não puderam... entalal-o, como desejariam.

E Mr. Altshuler, na sua fresca ribeira, acha que o Cinema é a ultima expressão da comodidade.

MOT-DE-LA-FIN

O primeiro Cinema de Paris fundou-o uma empresa cujas acções iniciaes foram emittidas a 500 francos. Esse estabelecimento quando, um anno depois, foi transferido a uma companhia, tinha as suas acções cotadas na praça a... 75:000 francos.

O que demonstra que a cinefobia tem toda a razão de existir — enquanto existir o abutre roedor que usa o nome de Inveja. E sem falar n'esse outro, não menos voraz, que se chama Interesse-ferido.

INFORMADOR.

O cinema no Brasil

A Companhia Cinematografica Brasileira, com séde em S. Paulo, estendeu agora o seu campo de operações ao Rio de Janeiro e comprou tres, dos quatro cinemas que funcionam na Avenida Rio Branco, da grande capital sul-americana.

Segundo a «Gazeta de Noticias», do Rio, que temos presente (9 de maio), o «Cinema Avenida» foi adquirido por 600 contos, o «Odeon» por 280 contos e o «Pathé» (resto do contracto da casa por dois meses) por 80 contos. O «Parisiense» não foi comprado por exigir 2:000 contos.

O Rio, com o seu milhão de habitantes, tem menos cinemas do que S. Paulo, que conta setenta, a funcionar diariamente. Parece que o alto preço do aluguer das fitas concorre para difficultar a industria. Mas a Companhia Cinematografica Brasileira, representante das mais importantes empresas do mundo, possui em ser um milhão de metros de films, ineditos para o Rio, e espera poder dar novidades quasi diariamente, sem deixar de fornecer, talvez por um quinto dos preços actuaes, as fitas que as outras casas queiram alugar-lhe. Em media, essas fitas pagam-se agora a 200\$000 reis.

Não é verdade que, por toda a parte, a Cinematografia avança, progride, vence?

INFORMADOR.

Escrinio de poetas e prosadores

A Felicidade

EM volta do palácio, que era todo de fino e re florido marmore, estendia-se, a perder de vista, o rumoroso acampamento.

Gente de toda a casta, homens de todos os paizes, uns cobertos de cerdas pelles, outros semi-nús, com uma tanga ligeira em torno dos rins; ainda outros com albornoses longos, fôtas recamadas de pedrarias, papuzes de couro florejado, armas á cinta, seguidos de muitas lanças; e eram reis, e eram principes. Sacerdotes com os seus idolos, sabios com os seus papyrus, poetas com as suas lyras, mercadores com os seus escravos, guerreiros com os seus escúdos e tímidos, agachados entre os carros, disputando um lugar aos camellos enxareilados e aos ginetes cobertos de telizes, mendigos maltrapilhos que se escondiam com medo.

Todos esperavam que se abrisse a enorme porta de bronze e apparecesse o genio que devia, por inculca do Destino, buscar o afortunado a quem coubesse o palácio com as suas innumerables riquezas.

Todos contavam com a ventura e já se imaginavam o eleito da fortuna quando, ao clangor de uma bozina, a porta abriu-se de par e na soleira assomou o genio.

Alto e gracioso mancebo, louro, de um louro fulvo, de sol, que mais fazia realçar a alvura do rosto, d'uma belleza feminina e meiga. Tunica de côr celeste, com flôres de ouro, cobria-lhe onduladamente o corpo airoso. A' mão trazia, á maneira de sceptro, um largo trifolio engastado em comprida haste, tambem de ouro.

Os homens, tolhidos em maravilha-

do assombro, não tiravam os olhos do mancebo. Viram-no descer as escadas, seguir á sombra dos alamos, chegar ao acampamento e, indo, sem indecisão, por entre tendas de purpura e tendas de linho, entrar num bosque onde um homem, enrolado em farrapos, roía, com voracidade, um osso disputado aos cães.

O genio deteve-se; e, então, acenando ao miseravel com o trifolio, ajoelhou-se na terra sordida e, venerandamente, o elegeu senhor do palácio e de toda a sua riqueza.

Foi um desapontamento na turbamulta. Ninguem se conformava com a estranha escolha do Destino. Pois onde havia reis, principes, altos senhores, poetas, sabios que liam nas estrellas, sacerdotes que se communicavam com os deuses, mercadores que possuíam frôtas nos mares e minas no seio da terra, havia de ser um roto mendigo o favorito?...

Logo se arrancaram as tendas, arrearam-se os animaes, jungiram-se os bois aos carros e, lentamente, começou o desfilar das caravanas.

Ao limiar do palácio sahiram a esperar o mendigo famulos e ancillas e, por entre columnas de coral e ouro, sob uma abobada tremula de iriados flabellos, pisando molles tapetes e ouvindo o fresco cantar de fontes, extasiadamente o miseravel atravessou o peristylo, os corredores luminosos, os pateos enxadrezados e entrou na camara que era toda de oloroso cedro com fauxias de ouro e prata e incrustações de pedras.

O banho que o esperava rescendia e era todo de leite de flôres.

Refrescado, vestiram-no e rei algum carregou jámais sobre o corpo as riquezas com que o recobriram.

Inclinou-se o mordomo e, por entre tangeres de frutas e de cytharas o foi guiando á grande sala onde o esperava o banquete em lauta meza, lampejante de baixellas e crystaes e toda florida.

Sentou-se o venturoso.

Logo rompeu o concerto delicado de finas harpas, de frutas suaves e de vozes.

Ao fim do repasto levaram-no a ver os jardins onde a Primavera não daria por falta de uma só das suas flôres. Passaram aos pomares de toda a fructa, entraram ao bosque de frescos, assombrados e redolentes meandros onde se desafiavam em gorgeios todos os passarinhos e os doces animaes das silvas passejavam. Foram ás cavalhariças onde estadeavam os mais formosos e robustos ginetes do deserto. Adeantaram-se os pastores a dar-lhe contas dos gordos rebanhos que guardavam.

Por fim, fez o mordomo a volta da torre de pedra onde se empilhavam os thesouros e em torno da qual, silenciosamente, iam e vinham roldas e sobre-roldas de guerreiros possantes.

De regresso ao palacio — já a rutila Vesper subia no horizonte, — o afortunado avistou na varanda, entre os inclinados ramos dos jasmineiros e das acacias que florescem de ouro, as lindas, esbeltas mulheres do seu gynecêo que o esperavam, qual mais anciosa do seu beijo, esmerando-se em seduzil-o com languidos meneios e logo as chamou com o soffrego desejo tanto tempo contido e, por toda a noite longa, enquanto soavam as musicas voluptuosas e os escansões serviam os vinhos em kráteres e as bailadeiras faziam os mais difficeis e graciosos passos, gozou exaltadamente a delicia do amor.

Recolhendo á camara — já as cotovias ensaiavam o canto — viu o seu leito de macia cócedra, forrado a seda, ladeado por dois gryphos de olhos de carbunculo.

Deitou-se, mas o somno fugia-lhe. Lembrou-se, então, dos dias de fome, das noites de frio, das injurias dos homens, do desprezo das mulheres.

Insomne levantou-se, abriu largamente uma das grandes janellas e, á pallida luz da manhã que nascia, sentindo o aroma dos jardins, pareceu-lhe que, ao longe, muito longe, havia um palacio maior e mais rico, com mais ouro, jardins mais vastos e mais floridos, pomares mais fartos, thesouros mais cheios, mulheres mais bellas, guerreiros mais robustos, musicas mais concertadas, iguarias mais saborosas e vinhos mais antigos.

Então, pendendo a cabeça, achou pequena a sua fortuna e, com inveja dos que haviam partido á aventura, invejando-o, poz-se a murmurar pensativo: «Ainda ha riquezas maiores!...»

E a suspirar taes queixas, entre as purpuras e os brocateis da camara, veio encontral-o o sol, o sol que, ainda na vespera, o vira, entre farrapos, disputando aos cães dos nomades, sobre o estravo dos camellos, um osso esburgado.

(Do *Fabulario*).

Coelho Netto.

■

Trovas e cantares

(N.^{os} III, V, X e XIII)

111

Agua que vâes na levada
Do meu Doiro t'er ao már,
Váe dizêr á minha amada
Que estou por ella a chorar...

E que as lagrymas que estão
Nos meus olhos a tremêr,
Me vêem do coração,
Como de fônte a corrêr...

De chorar, já tam affeito
Ando eu, por minha vida,
Que sinto a dêntro do peito,
Tôda a ventura perdida!...

Escuta, meu bem, as aguas
Que para o már leva o rio;
Vão com ellas minhas máguas,
Minhas Lagrymas em fio!...

V

Vou-me fazer marinheiro,
Vou andar nas caravéllas;
Meu coração, limoneiro,
Há-de levár-me ás estréllas!

Para melhor me guiar,
Por sôbre as nuvens dos céus,
Hei-de a bussola levar
Dêsses lindos olhos teus!...

E por êsse már vogando,
Com os vênos de feição,
Irá assim navegando
Pelo cên meu coração!...

Ah, sóbe, sóbe, gageiro,
Não receies os escólhos:
Meu coração marinheiro,
Léva a guiál-o teus olhos!...

X

Esfolhadas, esfolhadas,
Na minha querída aldeia,
São de noite, e illuminadas
Ao sorrir da lua-cheia!

Raparigas a cantar
A viôla, ao desafio,
Parêcem desafiar
O luar do mêz de estio!...

Desafiam namoradas
Os namorados, que estão
A cantar-lhes desgarradas,
Contissoens do coração!...

São lindas êssas cantigas,
As desgarradas brégeiras,
Ditas pelas raparigas
Nas esfolhadas, nas eiras!...

XIII

Rouxinoes, vinde cantar
Porque a lua já se ergueu,
— Urna cheia de luar,
Derramado pelo cên!

Cantáe as dôces volatas,
Poetas da minha aldeia,
Vinde entoar serenatas,
Amantes da lua-cheia!...

Cantáe por êntre os salgueiros
As vóssas lindas baladas;
Oh menestreis feiteiros,
Trovadôres das desgarradas!...

Raparigas, raparigas,
Para aprêndêr a cantar,
Nada sei como as cantigas
Dos rouxinôes ao luar!...

(Da *Bíblia do Coração*).

Oliveira Passos.

O Poeta

Ha muitos annos, num recanto bu-
llicoso da Beira e em ridente
manhã de Março, mal reluzia a aurora
despregando sombras dos valles e co-
linas; quando as amendoeiras floridas
começavam de abrir suas pétalas bran-
cas, promptas a receber os matinaes
beijos do sol; em modesta vivenda de
gente remediada, um novo ente aca-
bava de apparecer ao mundo cheio de
afflições e agruras.

Na sua meninice, quando sua avó,
uma velhinha romantica, lhe narrava
lindas historias de moiros e trovado-
res, o seu coração aninhava-se-lhe no
peito, por se adivinhar fadado para
grandes feitos, e, quando as noites de
lunar sereno mostravam a sua transpa-
rencia de crystal, os ralos descanta-
vam nas alameiras distantes, o seu
pensamento sonhava venturas sem par
e amontoava projectos luminosos como
castellos de ballada.

Crescido em idade foi correr mun-
do. Viu palpitar muita desgraça, sentiu
em seu redor a fome negra avassalar

Jardim Passos Manoel
Aprazível recinto de verão

muita existencia. E seu coração bondoso sangrava um choro lento de revolta, ao vêr as desigualdades e injustiças, aos enxames, num meio social corrupto e pôdre. Então enveredou por uma estrada sombria e foi ter a uma floresta escura e cerrada onde o sol jámais pousára seus raios vividos e de onde as aves fugiam assustadas por tal silencio. Parecia um deserto de morte. Quedou sob a sombra duma grande faia que um vento melancolico da tarde fazia ramalhar espelhando suas braçadas oscillantes nas aguas baças duma lagôa visinha. Adorava no entanto aquelle silencio pezado. Queria saber que floresta pisava para depois se entranhar em seu seio e para sempre.

Como que acorrendo á chamada de seus desejos, um velhinho monge surgiu, barbas claras espadanando pelo peito como frocos de espuma ardente, sobraçando penosamente, tremulo e gasto, um grande livro secular.

Acercou-se-lhe e perguntou: — que arvores jámais vistas por seus olhos eram as que se estendiam fronteiras mergulhando suas ramadas ondeantes na amplidão que semelhava interminavel? E que silencio era o que se firmava ali com imperio, que não se ouvia nem um grito de desgraça, nem um lamento de amôr, nem uma risada de alegria, nem um suspiro de saudade? E quem era elle mesmo, figura heraldica como que arrancada ha bem pouco dum pergaminho rugoso e centenario?

— Eu sou o Destino — respondeu e velho com voz grave — vou atravessar o mundo povoado de procellas, recolher os pedaços das vidas, neste livro sem fim. Mas tergirversei no caminho. Em vez de continuar pela sociedade fóra, cheia do rumorejo das suas injustiças, vim por aqui, descansar um pouco no bosque da Solidão.

Parto, adeus.

Mas o triste, implorativo, felo quedar para a sabida do seu fadario.

— Tu, sim, cá marquei, quando de novo reviveste. Fôste um bello trovador medievo, com uma garganta divina, apreciada por mil mulheres que adoravam teus cantares e cujos peitos suspiravam por ti no silencio excruciante de suas salas feudaes.

« Voltaste á Vida encarnado num pagem querido de rainha adoravel que te consentia a seus pés de fada e te afagava os cabellos em anneis louros, depondo em teus olhos então verdes como esmeraldas, profundos como o seio das aguas, as caricias firmes coadas por seus olhares de velludo.

« Fôste depois um pastor joven, com rebanhos bastos sob a vigilancia de tuas vistas claras que se pregavam instantemente na encosta fronteira áquella onde o gado se apascentava, tranquillo pela guarda activa do pastorinho forte.

« Em casinha alva, como estrellinha a arder no ferrête do céu, casinha que tu rodeavas bem, por noites de estrellas vivas, baptisadas de luar candido, morava a Annicas, a filha do rendeiro, que vinha trocar contigo palavras de amôr e de virtude atravez as noites lindas que pareciam fugir bem prestes como somnos passageiros de aves implumes.

« Ah! quantas vezes clareava a madrugada e os gemidos dôces saídos com meiguice de tua flauta rustica eram repetidos suavemente pelas quebradas proximas!

« Mas quando o sino da humilde capellinha do logar acordou o echo ha bem pouco tempo adormecido, em convite aos rendeiros visinhos a acompanhar ao cemiterio a eleita da tua alma, deitadinha em seu caixão guardado de musgo dos rochedos da

INVICTA FILM



REGISTADA

PORTO-PORTUGAL

Endereço telegraphico

NUMATTOS — PORTO

NUNES de MATTOS & C.^A

Rua de Santo Ildefonso, 165

≡ PORTO — (PORTUGAL) ≡

Fabricação de pelliculas,
e todos os trabalhos
concernentes á arte cine-
matographica

ATELIER expressamente montado
com os mais modernos aperfei-
çoamentos introduzidos n'esta
industria

Encarregam-se da tiragem
de fitas em qualquer ponto
do paiz, para o que dispõem
de PESSOAL HABILITADO.

HOTEL SUL-AMERICANO

(O MAIS MODERNO)

125-Praça da Batalha-134—PORTO

Alvaro d'Azevedo

PROPRIETARIO

encosta, desaparecias ao longe errando por este valle de martyrios tua pênna insoffrivel.

«Rompêste mais tarde num falado cavalleiro andante, de coração virgem aberto a ideias sublimes, pretendendo quebrar os grilhões á humanidade escravizada, ao lado do fraco quando coagido pelo forte, em defesa do humilde quando espoliado pelo pretense nobre.

«Tua fronte empennachada por pluma verde parecia fulgir, e atravessavas herdades montado em teu cavallo turbulento, a espada relampejante e temida agitada por teu braço herculeo de defensor adorado pelos homens, de homem berndito pelas noivas gentis e por velhinhas trementes.

Houve um momento de silencio. O velho arquejava de cançado; o mancebo apoiava a fronte nas mãos, pensativo e triste. Mas o ancião, pausadamente, continuou a desfiar:

«Desabrochaste em madrugada de primavera numa mysteriosa flôr, dum aroma desconhecido e dum avelludado de pétalas estranho a olhos de mortaes. Foi um delirio no exame minucioso a que te sujeitaram. Veio gente de muito longe a admirar tua belleza. Foste reclamado por um principe famôso para uma prenda de noivado. Todos te queriam possuir, mas uma rajada de vento levou tuas faces esfolhadas para bem longe dos que te anceavam.

«Resurgiste mais tarde em corpo de propheta idolatrado pelas gentes dos povoados, que accorriam á bocca das encrusilhadas para te saudarem com canticos ingenuos e pétalas de orvalhadas rosas. A's portas das ca-

thedraes gothicas, sob a gravidade mystica dos santos anichados, apresentaste a doutrina que te consumia o pensar, havida sublime por todos que a attendiam. Tudo era orgulhoso de te beijar admirativamente a fronte branca onde o genio faiscava atravez a cabelleira fulva. E sobre teu peito largo e afflante, onde tuas mãos nervosas se espalhavam no fogo da oratoria, nos raptos da improvisação, morriam por aí repousar suas fronte abrasadas de amor mulheres voluptuosas e lindas que, de altos e magnificentes minaretes, ouviam teus discursos inflammados, com os olhos rasos de lagrimas semelhantes a perolas.

«Depois... depois...

— Mas o que sou agora? — interrompeu choroso o moço.

— Ah!... hoje és poeta.

E partiu.

Então sob a doce luz do ceo dormente e a sombra placida da faia fronde, o mancebo deixou escoar de seus olhos silenciosas lagrimas de saudade pelas vidas passadas, e ardentes rebates de agonia pela vida presente.

(Das «Illuminuras»).

Orlando Marçal.

Esperança nossa

II

O nosso lar como eu o phantasio,
Em horas de socego e de virtude,
E' uma casita branca ao pé d'um rio
Num baixo de collina agreste e rude.

Rio de lenda, dirá sua ballada
Uma immensa tristeza secular,
Vindo d'uns olhos de mulher amada
P'ra o nosso peito e não chegando ao mar!

E quero allí, fixando aquella asp'resa,
As oliveiras pelo vall' sem fim,
Que as oliveiras são na natureza,
O mais conforme e mais igual a mim!

Mas oliveiras que não deem azeite
E, sem dar sombra, que não deem flôr;
Minha alma tem demais com que se enfeite
E com que ella sustente o nosso amôr!

O nosso amôr, que eu afinal derivo
N'uma esperança alegre em que remogo,
— Fim d'este sonho por que choro e vivo —
A aspiração d'um bello filho nosso!

Sonho d'amôr, portanto abençoado,
Que eu já venho a sonhar, ha tantos annos,
Cada degrau custando-me um cuidado,
Cada passo milhões de desenganos.

Porque outro lar me deu a phantasia
— Ha quanto tempo que isso se perdeu!
Quando a minha alma, pela noite fria,
Já tinha a ancia de tocar o ceu!

Era um grande castello secular
Sobre um alto de serra denegrida,
Onde viria a minha mãe passar
Commigo o resto da sua linda vida.

Arranjei-lhe o seu quarto alegremente,
Tal como um ninho feito d'uma estrella,
A janella deitando p'ra o nascente,
P'ra que o primeiro a vêr o sol fosse ella.

Ponho-me a vel-o! Tudo allí deslaca...
Olha a *sua* cadeira posta a um canto!
E ao alcance da sua vista fraca
O mar azul de que ella gosta tanto!

E que lindo o seu quarto! Estou a vêl-o
E a vêl-a co'um rosario a balbuciar,
Tão grande como era o seu cabello
Quando eu nasci, antes de a desgostar!...

Sobem no muro trepadeiras grossas,
Que dão ao quarto um cheiro d'acafrão;
E o leito é feito d'oliveiras nossas
E a colcha feita pela sua mão.

Ao pé da cama os meus livros em pilha
— Santo remedio que ella anda a tomar!
E uma carta ternissima da filha,
Que antes de ler lhe appeteceu beijar.

Traz-lhe a noticia de que tem um neto
O que a faz chorar devagarinho...
E diz-me baixo, n'um prazer secreto,
Que é a madrinha e que eu sou o padrinho.

Dias passados, por um dia bello,
Vamos fazer o nosso testamento;
E deixamos-lhe as terras e o castello
E tudo que nós temos no momento.

E pelas noites, quando estou sentado
Pertinho d'ella, olhos na luz inquieta,
Ella levanta os olhos do bordado
P'ra perguntar-me se será poeta!

Não, minha mãe! Espera confiada,
Não nasceu sob o d'Elle e o teu olhar;
— As duas azas que a minha alma anciada
Nos hombros encontrou para voar.—

Não, minha mãe! — E ella interrompe logo
— O pequenino o que será? ai! diz —
E enquanto a santa vae erguendo um rogo
A Deus, eu digo que ha de ser feliz.

E ella fica cheia de esperança
E a ter-me mais amôr, se isso é possivel,
Vendo já nesse corpo de creança
A grande alma do morto inconfundivel.

E quantos sonhos n'esse ideal antigo!
Ai! quantas rosas lá havia em botão,
Se o teu amôr não viesse ter commigo
Com esse ineguavel coração.

Assim, quebrou-se o velho encanto e agora
E' o meu lar o teu lar, Esposa e Amante,
Nem mar lá temos—nenhum de nós chora—
Nem cartas chegam—ninguem ha distante!

Mas n'esta luz prepetua da manhã
Tel-as tão longe são as minhas penas...
Porque é que isto de esposa e mãe e irmã
Não formará uma pessoa apenas?

Esposa minha, essa chimera é morta!
Já tombou meu castello com fragôr;
Vamos os dois: cá está a casita e a porta
E, dentro, um leito só e um só amôr...

Tudo alli é perfeito, uma existencia
Em que não ha calor e não ha frio,
Os corpos reduzidos quasi a essencia
Tanto a nossa alma os repassou, fundiu.

E nosso lar?—sei lá—a alma absorta
Se só em ti e n'elle me concentro,
Um palacio ou choupana tanto importa,
Comtanto que estejaes vós dois lá dentro!

(De «O meu livro»).

Fausto Guedes Teixeira.

C R O N I C A

O dia do Epico: Camões e Hugo. — Uma festa infantil: O Cinema, instrumento educativo. — Comparando. — Um novo «teatro». — Festa de arte.

LISBOA escolheu o 10 de junho — dia de Camões — para seu dia annual de guarda. É a população da capital, unanime, honrou dignamente a escolha associando-se aos festejos officiaes. Aqui, em outros pontos do paiz, o dia do nosso grande epico foi por igual memorado. E essa manifestação nacional, pela sua alta significação, deve encher todos os patriotas de lidimo regosijo.

Na vesania lão portugueza de maldizer do que nosso é, não raro se libella contra o nosso povo, porque raros são os que têm lido Camões. Ora pensa o cronista poder apostar que muito menor é a percentagem analfabetica em França e, proporcionalmente, raros são os franceses que terão lido Hugo. Do mesmo modo julga o cronista poder affirmar que menos serão os franceses, em França, que conhecem o formidavel epico dos *Châtiments*, do que os portugueses, em Portugal, que sabem da existencia, em tempos idos, de certo poeta, cego de um olho, que como nenhum outro cantou as glorias patrias e, morreu de fome... n'um hospital.

E ha uma razão, ao vêr do cronista, bem clara e convincente. Hugo foi menos humano do que Camões. O seu genio levou-o dema-

siado alto. E assim, quantos descendentes d'esses heroicos aldeões da velha Bretanha, cuja epopeia de feroz fanatismo politico e religioso elle eternizou, não lhe terão lido a obra grandiosa, e quantos ainda, até o nome, fulgente de immorredoura gloria, lhe ignorarm?

Camões, ao contrario, vinculou o seu esplendido poema á historia, por vezes estupefanda, da sua patria. A sua obra, se brilha de eterna luz mereê da corrente de genio que a anima, vibra de um grande, de um encantador, de um honrado, de um universal sentimento humano — o amor da patria.

Ah, sim, queridos maledicentes, meus compatriotas, irmãos meus: — A grande maioria dos portugueses não terá lido Camões, ignorará a esplendida formosura dos seus sonetos, a imponente altivez, o arrojo genial, o heroico impeto, a harmoniosa doçura das es-

Jardim Passos Manoel

**Primorosas exhibiões
cinematograficas**

trofes dos «Luziadas»: mas onde o filho deste abençoado torrão que não lhe saiba o nome e o não cerque de respeito — descontadas as cinzas do frade José Agostinho, tão talentoso como atrabiliário?

Por pouco que n'esta secção queiramos falar de nós, dispoem-se os acontecimentos de modo que a isso somos forçados, por obediencia ao programa a que obedece a «Cronica» da *Cine-Revista*.

Affirmam competencias indiscutíveis na pedagogia que o Cinema está destinado a exercer função importante na educação da mocidade escolar, e n'isso marcham parallelamente com os sociólogos, que d'elle fiam uma forte contribuição na illustração dos povos.

E porque, ainda na primeira quinta-feira do corrente mez, no Jardim de Passos Manoel se produziu um facto que vem em abono dos pedagogos cinefilos, eis-nos na obrigação de aqui lhe fixar referencia, se bem que ligeira, sufficiente a marcar esta victoria da nossa causa.

N'esse dia, pois, e bent que houvesse amanhecido de chuva, o lindíssimo jardim da Empresa alegrou-se de uma viva e rumorejante concorrência infantil, que o encheu de alacridade e luz. Que agradaveis horas ali se passaram, e que encanto o de toda essa pequenada, correndo, saltando, gritando, gargalhando, na mais completa e despreocupada liberdade!

Fôra o caso que o Sindicato dos Professores Primarios de Portugal resolvera offerecer ás creanças das escolas paroquiaes uma festa cinematografica e do ar livre. De Estarreja viriam tambem assistir cerca de tresentas creanças.

A manhã chuvosa, porem, impediu a vinda d'essa pequenada. Mas o nosso elegante salão cinematografico escheu-se completamente com o pequenino mundo escolar d'esta cidade, e os arruamentos do nosso jardim, durante o tempo em que a banda da Guarda Republicana executou um lindo programa, vibraram da mais encantadora alegria.

Não se calcula o interesse que os films educativos—A viagem de Cook ao Polo, exem-

plares da historia natural, etc., etc., bem como as fitas comicas, despertaram na pequenada. Só visto. E, depois de ter visto, ninguem se atreveria a negar a influencia que essas exhibições podem ter, e tem realmente, sobre o espirito das creanças.

Está aberto o exemplo. Convencemo-nos de que não faltará quem, de boa vontade e conscienciosamente, o siga.

Çà marche.

Só para comparar.

No parlamento hungaro, os deputados saíram do seu serio e o menos que se chamaram uns aos outros foi—ladrões e bandidos.

O insulto pessoalizou-se por uma forma sangrenta. A um ministro, gritou um dos deputados: — «Fôra, ladrão dos dinheiros publicos!». A um representante da maioria taxaram-o de — «O ultimo dos miseraveis!» Etc., etc.

Quarenta deputados foram expulsos da camara, alguns *manu militare*. E, por fim, houve uma tentativa de assassinio contra o presidente do conselho — um tiro de revolver, que não acertou —, e um suicidio em pleno anti-teatro.

Só para comparar, mas sem o cronista tirar conclusões. Tire-as quem quizer. E continuemos a exultar porque viemos ao mundo n'este encantador jardinzinho á beira mar plantado.

Doçura de clima e não menos doçura de caracteres...

Começa a fixar as atenções dos que mais ou menos se interessam pelas coisas de teatro um genero de peças que pode considerar-se inedito em Portugal e que em França, na Italia, na Hespanha, na America do Sul é de ha muito conhecido, discutido e accete com intenso prazer.

Trata-se do genero *Grand Guignol*, do nome do teatrinho de Paris que, á força de talento e audacia, marcou lugar de destaque entre as casas de espectáculo da grande cidade franceza — menos porque as peças que compoem esse genero tenham passado todas pelo

Jardim Passos Manoel

Magníficos concertos

tablado d'esse teatrinho, do que por todas se moldarem nos mesmos processos modernísimos de observação, intuíto e factura.

Alguns jornaes de Lisboa alludiram já, largamente, a esse teatro novo, e dois grupos de excellentes artistas exforçam-se n'este momento para, dentro de pouco, apresentarem ás plateias portuguezas as melhores peças do genero.

Eis ahí qualquer coisa de novo e de interessante que se annuncia.

Veremos a sua realisação.

A noite de 5 d'este junho foi de festa intensa, festa brilhante, inolvidavel festa para

o illustre professor de piano D. Pedro Blanco e, para quantos, apreciando-lhe o talento e a proficiencia, tão intimadamente enlaçados a excellentes dotes de alma e caracter, tiveram a fortuna de assistir ao concerto annual dos seus discipulos — e das suas discipulas.

Estes concertos annuaes de D. Pedro Blanco são sempre de grande brilho e proporcionam agradaveis momentos de honesto e sadio goso espirital á numerosissima e distincta assistencia de convidados. Mas o d'este anno foi excepcionalmente bello, mercê do modo singular como as provas foram apresentadas — em grande parte, como se de professores de merito se tratasse! — e mercê ainda da concorrencia, que encheu de lez-a-lez o vasto e elegante salão do Gremio Commercial (antigo Orfeon) e ainda as duas salas que o precedem.

Festa distincíssima, sob todos os pontos de vista, ella deve fixar-se na vida de arte da cidade como acontecimento justamente memoravel.

SIMPLICIO.

TABELLA DE PREÇOS PARA ANNUNCIOS NA CINE-REVISTA

Annuncios nas capas

	Por numero	Por serie de 24 numeros
1 pagina	5\$000 reis	100\$000 reis
$\frac{1}{2}$ "	2\$600 "	52\$000 "
$\frac{1}{4}$ "	1\$400 "	30\$000 "
$\frac{1}{8}$ "	800 "	16\$000 "
$\frac{1}{16}$ "	500 "	10\$000 "

Paginas de annuncios, entre as do texto

	Por numero	Por serie de 24 numeros
1 pagina	7\$500 reis	150\$000 reis
$\frac{1}{2}$ "	4\$500 "	80\$000 "
$\frac{1}{4}$ "	2\$500 "	50\$000 "
$\frac{1}{8}$ "	1\$300 "	30\$000 "
$\frac{1}{16}$ "	700 "	10\$000 "

Annuncios intercalados no texto

Por linha

Cada linha de uma columna, 100 reis

Por serie de 24 numeros, 70 reis

Cada pagina de texto tem 2 columnas de 50 linhas

Toda a correspondencia sobre annuncios deve ser dirigida á
EMPRESA ARTISTICA LIMITADA — Rua Passos Manoel — Porto.

TELEPHONE N.º 1034

LISBOA

Sede:

Salão Central

31-1.º, Praça dos Restauradores

Telephone 3072

Endereço telegraphico
SALCENTRAL



PORTO

Succursal:

Jardim
Passos Manoel

Telephone 1034

Endereço telegraphico
PASNOEL

União Cinematographica Limitada

FORNECEDORA DOS 3 SALÕES SOCIETARIOS

≡ Jardim Passos Manoel ≡

PORTO

Salão Central e Chiado Terrasse

LISBOA

Compra, venda e aluguer de fitas e aparelhos cinematographicos.

Aparelhos novos e usados sempre em deposito.

O maior e melhor stock de pelliculas do pais.

Unicos importadores das notaveis pelliculas de

≡ Vitagraph e Gaumont ≡

Preços sem competencia

Vieira & Bastos, Successor ENGENHEIRO-MECHANICO

Telephone: 133

Rua do Freixo, 1245—PORTO

Telegrammas: "EXTRA.,

REPRESENTANTE GERAL EM PORTUGAL DE:

Machinas a vapor
Caldeiras de todos os typos
Motores a gaz, gaz-pobre, etc.

H. Bollinckx—Bruxellas—Belgica.
De Nayer—Willebroeck—Belgica
A. Bollinckx—Huyssinghen—Belgica

INSTALAÇÕES FEITAS COM CALDEIRAS DE NAEYER E MACHINAS BOLLINCKX:

Arthur Guerra	Moagem—Freixo-Espada á Cinta	17 H. P.
J. R. Valente Perfeito	Tanoaria—Villa Nova de Gaya	34 >
A Económica, Lda. (1. ^a mach.)	Marcenaria—Porto	35 >
Valente, Costa & C. ^a	Tanoaria—Villa Nova de Gaya	60 >
A Economica, Lda. (2. ^a mach.)	Marcenaria—Porto	70 >
Fortuna & Oliveira	Tecelagem—Porto	80 >
Villela & C. ^a , Lda.	Tecelagem—Porto	115 >
C. ^a Industrias Reunidas	Rendas e botões—Porto	115 >
Empreza Artistica, Lda. (1. ^a mach.)	Cynematographo—Porto	115 >
Empreza Artistica, Lda. (2. ^a mach.)	Cynematographo—Porto	115 >
Empreza Fabril Peninsular, Lda.	Acabamentos—Porto	130 >
Mattos & Quintans	Fiação e Tecelagem—Porto	330 >
C. ^a Carris de Ferro do Porto (1. ^a mach.)	Tramways electricos—Porto	825 >
> > > > (2. ^a >)	> > >	1650 >
> > > > (3. ^a >)	> > >	1650 >
> > > > (4. ^a >)	> > >	1650 >
> > > > (5. ^a >)	> > >	1650 >
> > > > (6. ^a >)	> > >	1650 >

Total 10:291 cavallos-vapor installados em 6 annos.

- ⌘ "Helios - light,, é a unica que vantajosamente póde ser applicada nas projecções cynematographicas.
- ⌘ "Helios - light,, é a luz mais clara e de maior intensidade.
- ⌘ "Helios - light,, substitue com seguros resultados, a electricidade.
- ⌘ "Helios - light,, é de facil funcionamento.
- ⌘ "Helios - light,, depois de acesa não precisa ser regulada, porque se conserva sempre firme.
- ⌘ "Helios - light,, é isenta de qualquer perigo.
- ⌘ "Helios - light,, não tem cheiro.
- ⌘ "Helios - light,, é a luz mais economica.

Unicos agentes em Portugal: **NUNES & C.^A**

Rua de S. Francisco, 25-1.^o—PORTO